

DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – NOVEMBRO/23

As exportações baianas voltaram a registrar queda pelo nono mês consecutivo. Em novembro as vendas externas do estado alcançaram US\$ 810,8 milhões com queda de 31,4% no comparativo interanual. O recuo foi novamente puxado pelos derivados de petróleo que registraram queda de 97,6% e pelo setor químico/petroquímico que apontou redução de 48%, todos em relação ao mesmo mês do ano passado.

Após baterem recorde no primeiro semestre do ano passado, após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, as commodities recuaram nos últimos meses. Apesar da subida do petróleo e de outros produtos em novembro, os valores continuam inferiores aos do mesmo mês do ano passado.

Em novembro, o volume de mercadorias exportadas caiu 34%, enquanto os preços subiram em média 3,7% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. É o segundo mês consecutivo de alta nos preços médios, depois de oito meses de recuos. No acumulado do ano, os preços ainda estão 13,3% inferiores a 2022, enquanto que o quantum teve queda de 10,8%. Ou seja, a desvalorização dos produtos exportados foi determinante para o desempenho negativo das vendas externas estaduais em 2023.

As exportações agropecuárias, a despeito da redução dos preços, subiram 16,6% em novembro, em relação ao mesmo mês do ano anterior, com a prevista safra recorde de grãos pesando mais no desempenho do setor. No caso da indústria extrativa, houve redução de 39,5%, enquanto que as vendas da indústria de transformação despencaram 62,3%.

A situação da indústria de transformação no estado é preocupante, com seus dois carros chefes (refino e petroquímica) tendo desempenhos muito abaixo do esperado. A queda no volume embarcado de derivados de petróleo em novembro

www.sei.ba.gov.br

chegou a 98,1% e no ano atingiu (-24,5%). Já o setor químico/petroquímico está vivendo em 2023 o seu pior momento em duas décadas. O avanço dos produtos importados na demanda doméstica, em um ambiente de demanda relativamente saudável, levou a ociosidade média nas fábricas locais a 35% até outubro segundo a Abiquim.

No período de janeiro a setembro de 2023, o setor industrial baiano acumulou taxa negativa de 4,5% e no indicador dos últimos 12 meses apresenta queda de 5,9% em relação ao mesmo período anterior.

Tabela 1 - Balança comercial Bahia Jan./Novembro - 2022/2023

(Valores em US\$ 1000
FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	12.920.560	9.995.049	-22,64
Importações	10.520.938	8.046.774	-23,52
Saldo	2.399.623	1.948.275	-18,81
Corrente de comércio	23.441.498	18.041.823	-23,03

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/12/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

Há uma convicção mais forte, entre economistas e investidores, de que os bancos centrais nos EUA e na Europa não vão mais subir as taxas de juros neste ciclo e que, pelo contrário, começarão a cortá-las já no segundo trimestre de 2024. Com isso, aumenta a expectativa de que o cenário “pouso suave”, prevaleça, lá fora e por aqui.

De fato, mais instituições divulgaram projeções econômicas para o próximo ano em linha com o que fez o FMI em outubro. Essas apontam, essencialmente, para uma queda gradual da inflação, que convergiria para as metas entre 2025 e 2026, em um quadro de desaceleração apenas breve e marginal do crescimento econômico, sem maiores impactos sobre o mercado de trabalho, com as taxas de

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

desemprego permanecendo em patamares historicamente baixos.

A inflação nos Estados Unidos e Europa está caindo rapidamente, depois de mostrar resistência às maiores altas de juros em décadas nos dois lados do Atlântico. Dados de um par de meses não farão os Bancos Centrais desarmarem suas defesas, mas as ressalvas de que não hesitarão em voltar a elevar os juros, se necessário, feitas explicitamente pelo Federal Reserve e pelo Banco Central Europeu (BCE), tendem a se tornar pró-forma. Os investidores voltaram a prever o afrouxamento monetário já no primeiro semestre de 2024. Há muitas incertezas e margens para surpresas, mas os juros parecem ter chegado ao pico no atual ciclo de aperto e seu caminho agora tende a uma só direção - para baixo.

Com a economia se retraindo significativamente, a zona do euro teve brusco declínio da inflação em 12 meses em novembro, 2,4%, já não muito distante da meta do BCE, a de cifra próxima, mas inferior, a 2%. A previsão de crescimento para o ano, de 0,6%, indica que o bloco escapará da recessão, mas o esfriamento das atividades deu nova cadência à queda dos preços. Em agosto, o índice de preços ao consumidor ao ano foi de 5,2%. É possível que haja algum repique na inflação até o fim do ano, com a chegada do inverno e o aumento dos preços da energia. Ainda assim, a Europa livrou-se mais rapidamente do que o previsto da dependência forte do gás russo, após explosão de custos com a guerra entre Ucrânia e Rússia.

Para a maioria dos analistas, o BCE começará a cortar a taxa de 4% em abril/24. Por sua vez, a tensão entre os dois momentos, o de aperto monetário e o de sua distensão, são mais acentuadas nos EUA. A economia cresceu a um ritmo quase chinês no terceiro trimestre, 5,2%, indicando um vigor que talvez recomendasse novas doses de juros. Mas os gastos com o consumo estão se reduzindo, assim como o apertado mercado de trabalho dá sinais de perda de fôlego. A previsão da OCDE, divulgada no início de dezembro, aponta um freio forte no crescimento, de 1,5% no ano que vem.

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

A manutenção dos juros e a perspectiva de que não subirão mais quebraram a tendência de alta do dólar e devolveram uma parte do apetite pelo risco dos investidores em mercados emergentes. O recuo do dólar em torno dos 7% em relação ao real tem sido um coadjuvante importante na queda do IPCA, que fechará dentro dos intervalos da banda da meta de inflação, algo antes improvável.

A aposta preponderante dos investidores no mercado de derivativos é de valorização do real. Ao contrário de 2021, quando preços de commodities em alta caminharam junto com dólar mais caro (movimento inusual), fazendo a inflação romper os 10%, agora commodities em baixa, com o dólar na mesma direção, contribuem para reduzir os preços domésticos. Previsões da OCDE estimam inflação de 3,2% em 2024, nível mais otimista que o do próprio cenário de referência do BC brasileiro (3,6%) e do boletim Focus (3,9%).

Se há alguma clareza sobre o curto prazo, ela se embaça em relação ao longo prazo. Há bons motivos para acreditar que a inflação e os juros não serão tão baixos quanto antes nos países avançados, e que as taxas seguirão altas por um bom tempo. Pressões globais, como a transição verde, o envelhecimento populacional e a cisão entre China e EUA, tendem a aumentar custos e elevar os déficits fiscais. Para o Brasil, o acesso à poupança externa tenderá a ficar mais caro e menos abundante, mas sem mudanças drásticas em uma perspectiva de crescimento que se mantém preocupantemente baixa.

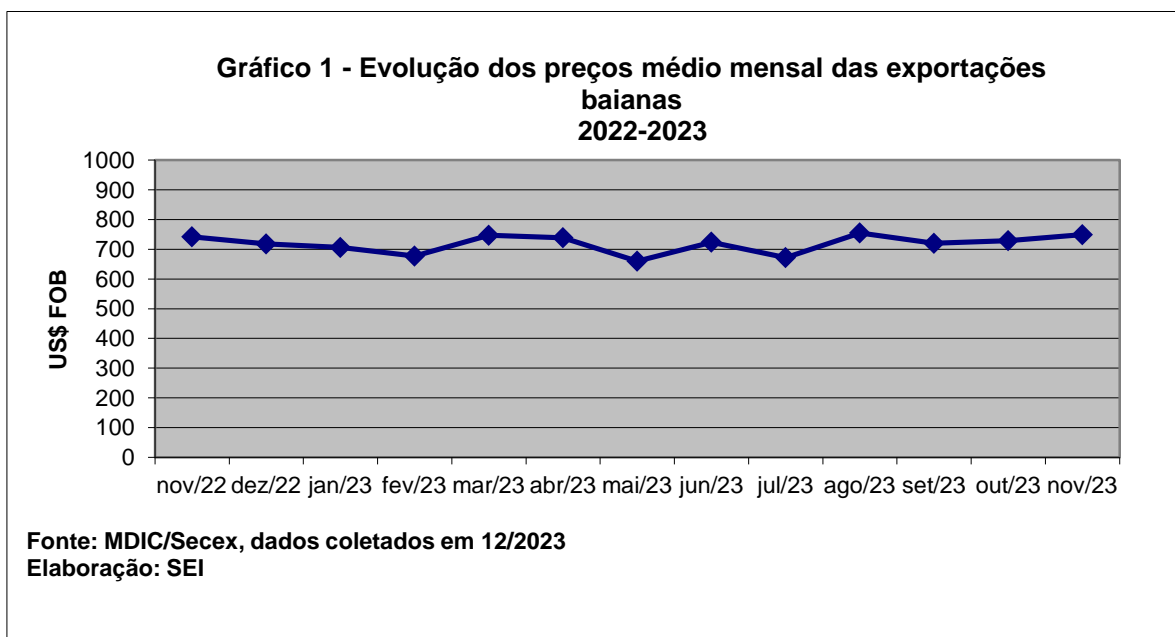
A tensão maior advém agora da fragmentação da economia mundial e mudanças no comércio bilateral, que poderão desencadear uma “nova Guerra Fria”, dados o conflito na Ucrânia e as tensões entre os Estados Unidos e a China.

Essa fragmentação tem potenciais consequências graves que poderiam superar uma maior resiliência e segurança econômica internas. Se não forem adequadamente geridos, os custos poderão facilmente superar esses benefícios, podendo reverter quase três décadas de paz, integração e crescimento que

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

ajudaram a tirar bilhões de pessoas da pobreza.



Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram pequeno avanço em relação a outubro. Em novembro, os preços médios subiram na média, 2,7% ante o mês imediatamente anterior, ficando 0,9% acima quando comparados ao mesmo mês do ano passado. Essa retração que vinha diminuindo, quando comparada ao mesmo mês do ano de 2022, já é positiva desde o mês de outubro, à medida que os preços da base de comparação diminuem.

Permanece a perspectiva de que o ano feche com queda de rentabilidade na exportação total brasileira. Nos embarques da indústria de transformação, estima, o ganho de margem em 2023 deve ficar próximo a 1% contra 2022. O custo já se acomodou em relação ao aumento observado em 2022. A redução de custos, fator que favoreceu a rentabilidade de vários ramos de atividade, deve perder força.

A redução da diferença entre as taxas de juros de Brasil e Estados Unidos nos últimos meses trouxe de volta a lembrança de um risco bastante fresco na memória dos participantes do mercado: o receio de que o estreitamento do “spread” entre a Selic e os Fed funds, a exemplo do que ocorreu na pandemia,

www.sei.ba.gov.br

acabe por provocar uma depreciação acentuada do câmbio. O colchão de segurança estabelecido pelo diferencial de juros reais (descontada a inflação) entre os países, porém, deve impedir efeitos negativos acentuados contra o real.

Apesar do receio, o diferencial de juro real ainda roda em dezembro torno de cinco pontos percentuais, o que é um nível muito tranquilo, na relação entre o diferencial de juro real e o comportamento da taxa de câmbio.

No fim de novembro, com uma Selic de 12,25% e Fed funds com taxa de 5,5% no topo da banda, a diferença estimada entre o juro real brasileiro e o americano ficou em 5,14 pontos percentuais, um nível bem acima dos 2,5 pontos, que são os movimentos médios observados em outras moedas de mercados emergentes. Esse patamar se for rompido, pode gerar movimentos de depreciação acentuada da moeda brasileira, que não seriam coerentes com movimentos dos pares emergentes.

Esse ano, tanto as exportações quanto o saldo comercial brasileiro, mostram um desempenho que ajuda a blindar o Brasil num cenário de juros mais altos nos países desenvolvidos. As contas externas saudáveis contribuem para manter o dólar abaixo de R\$ 5, preservando espaço para a continuidade da queda dos juros, embora com queda de rentabilidade do exportador, quando comparado a igual período de 2022.

A solidez das contas externas funciona como um colchão, ajudando a manter o dólar abaixo de R\$ 5 mesmo num momento de redução da diferença entre os juros externos e internos. A distância encurta devido ao ciclo de queda da Selic, o que pode afetar o fluxo financeiro para o país.

Os economistas ressaltam que a dinâmica favorável das contas externas contribui para o bom desempenho do real em relação a outras moedas emergentes, levando a previsão da maioria dos bancos a manter a expectativa de que a cotação do dólar cairá para R\$ 4,80 no final do ano.

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br
Tabela 2- Exportações baianas
Principais segmentos
Jan./Novembro - 2022/2023

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Soja e Derivados	3.214.615	2.747.600	-14,53	27,49	-10,87
Petróleo e Derivados	3.569.547	2.089.221	-41,47	20,90	-22,47
Papel e Celulose	1.148.309	1.139.207	-0,79	11,40	5,49
Químicos e Petroquímicos	1.411.362	894.117	-36,65	8,95	-20,53
Metais Preciosos	505.791	575.000	13,68	5,75	-29,68
Minerais	600.440	473.232	-21,19	4,73	1,38
Algodão e Seus Subprodutos	658.819	518.385	4,20	4,20	-8,25
Metalúrgicos	503.852	323.881	-35,72	3,24	-30,09
Frutas e Suas Preparações	165.074	246.047	49,05	2,46	21,54
Cacau e Derivados	180.668	178.260	-1,33	1,78	2,11
Borracha e Suas Obras	173.985	172.671	-0,76	1,73	11,87
Café e Especiarias	236.526	172.824	-26,93	1,73	-13,85
Milho e Derivados	72.216	134.757	86,60	1,35	-14,45
Calçados e Suas Partes	87.840	79.605	-9,38	0,80	18,70
Sisal e Derivados	72.334	67.868	-6,17	0,68	-18,58
Couros e Peles	56.862	31.701	-44,25	0,32	-29,26
Carne e Miudezas de Aves	31.806	29.887	-6,03	0,30	1,98
Fumo e Derivados	18.195	18.683	2,68	0,19	16,08
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	116.648	18.599	-84,06	0,19	12,03
Demais Segmentos	95.671	83.505	-12,72	0,84	-32,08
Total	12.920.560	9.995.049	-22,64	100,00	-13,29

 Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/12/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

A soja permanece liderando a pauta de exportações baianas com vendas de US\$ 2,75 bilhões, ainda que por conta da redução de preços, esse valor esteja 14,5% inferior ao mesmo período do ano passado.

Os produtos com maior destaque nas exportações agropecuárias foram soja (US\$ 2,75 bi e recuo de 14,5%); algodão e seus subprodutos (US\$ 518,3 milhões e

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

Av. Luiz Viana Filho, 435 - 4ª Avenida, 2º andar - CAB CEP: 41.754-002 Salvador-BA

Tel.: 55 (71) 3115 4733 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

incremento de 4,2%), frutas e suas preparações (US\$ 246 milhões e excepcional crescimento de 49%), além do milho, que embora não esteja no ranking das cinco maiores receitas do setor, cresceu 86,6% em valor exportado, gerando receitas de US\$ 134,8 milhões até novembro.

Na indústria de transformação, como dito, seus dois carros chefes (refino e petroquímica) vem tendo desempenhos muito abaixo do esperado. A queda no volume embarcado de derivados de petróleo até novembro chegou 24,5% e as receitas despencaram 41,5% a US\$ 2,1 bilhões. Já o setor químico/petroquímico registrou recuo de 36,7% a US\$ 894,1 milhões com queda também no quantum de 20,3%. O setor está vivendo em 2023 o seu pior momento em duas décadas.

Do lado das importações, os números são de déficit em alta no setor químico na Bahia em US\$ 486 milhões e no Brasil, o déficit na balança comercial deva recuar 25,4% ante o recorde do ano passado, para US\$ 47 bilhões, o segundo pior resultado da história. A queda se deve à redução de mais de 30% dos preços no mercado global e não ao volume de compras externas propriamente — em toneladas, as importações devem ter avançado 3,5%. Entre os químicos de uso industrial, o volume importado mais que dobrou, a depender do grupo analisado.

Todos os demais segmentos que compõem o setor da indústria de transformação, apresentaram queda no período, evidenciando todos os problemas de competitividade da indústria brasileira. É urgente resolver a questão do custo de energia e de matéria-prima para enfrentar esse cenário difícil de curto prazo porque passa a indústria no Brasil. O gás, por exemplo, insumo básico da indústria, hoje, é prova eloquente desta situação de desequilíbrio. Enquanto o milhão de BTU custa entre US\$ 13 e US\$ 14 no país, os Estados Unidos pagam entre US\$ 2 e US\$ 2,5, mesmo preço que a China paga pelo gás natural russo.

Na indústria extrativa, a alta se restringiu aos metais preciosos (+13,7%). No caso dos minerais, a quantidade exportada caiu 22,3%, e os valores exportados também diminuíram 21,2%. Os preços subiram 1,4%, puxados principalmente

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

pelos estímulos para a economia chinesa.

As exportações baianas para China, principal destino dos produtos da Bahia, caíram 9,7% no acumulado do ano, motivadas pelo fator preço, já que em volume embarcado caiu bem menos (-1,8%), em relação ao mesmo período do ano anterior. Já as vendas totais para a Ásia recuaram bem mais (-23,7%), por conta da queda nas vendas de derivados de petróleo.

Na mesma base de comparação, as vendas para a União Europeia, tiveram queda de 25%, ocorrendo o mesmo com as vendas para a América do Norte (-11,2%), enquanto que para o Mercosul caíram 16,3% e para o restante da América do Sul, Central e Caribe recuaram 30,2%.

IMPORTAÇÕES

Nas importações, a quantidade comprada subiu 0,9% em novembro, o que não foi suficiente para o crescimento dos desembolsos que recuaram 24,5%, já que os preços médios tiveram redução de em média 25,1% no mês.

A queda de importações, que no ano chega a 23,5%, praticamente 1% acima das exportações, é sinal de uma economia meio sem gás, menos disposta a importar máquinas, equipamentos e outros insumos produtivos. A queda das compras externas no mês na comparação interanual, foi puxada pela menor compra de combustíveis, bens de capital e intermediários e pelos preços menores.

No acumulado do ano, as exportações alcançaram US\$ 10 bilhões, com queda de 22,6% comparado a igual período de 2022. As importações foram a US\$ 8 bilhões, também com queda de 23,5%. O saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,95 bilhão, 18,8% inferior ao mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio atingiu US\$ 18 bilhões, também com redução de 23% no comparativo interanual.

www.sei.ba.gov.br

**Tabela 3 - Importações baianas por categorias de uso
Jan./Novembro - 2022/2023**

(Valores em US\$
1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	6.681.236	4.916.647	-26,41	61,10
Combustíveis e Lubrificantes	3.199.504	2.538.899	-20,65	31,55
Bens de Capital (BK)	452.313	447.207	-1,13	5,56
Bens de Consumo (BC)	174.413	140.801	-19,27	1,75
Bens não Especificados Anteriormente	13.472	3.221	-76,09	0,04
Total	10.520.938	8.046.774	-23,52	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/12/2023,
<http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.